

Gabriel Menotti

YÚ



Gabriel Menotti

YÙ

POESIA

Vitória
2010

GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
Paulo Cesar Hartung Gomes

VICE-GOVERNADOR DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
Ricardo Rezende Ferraçõ

SECRETÁRIA DE ESTADO DA CULTURA
Dayse Maria Oslegher Lemos

SUBSECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA
Erlon José Paschoal

GERENTE DE AÇÃO CULTURAL
Maurício José da Silva

GERENTE DO SISTEMA ESTADUAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS
Rita de Cássia Maia e Silva Costa

ASSESSOR ESPECIAL
Sérgio Blank

Edital SEC 007/2010

Edital para seleção e incentivo à edição e difusão de obras literárias inéditas de autores residentes no Espírito Santo, objetivando a publicação de livro.

Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo

Rua Luiz González Alvarado, s/n - Enseada do Suá
Vitória - ES - 29050-380
gabinete@secult.es.gov.br - (27) 3636.7100

1ª Edição, 2010

CAPA | Gabriel Menotti

REVISÃO | Lucas dos Passos e Silva

SUPERVISÃO EDITORIAL | Sérgio Blank

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA | BIOS

IMPRESSÃO E ACABAMENTO | Grafitusa

TIRAGEM | 1.200 exemplares

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Catalogação na fonte Biblioteca Pública Estadual)

falta

Todos os direitos reservados. A reprodução de qualquer parte desta obra, por qualquer meio, sem autorização do autor, da autora ou da editora constitui violação da LDA 9610/98

Sumário

Apresentação9

Poemas (1999-2009)

Enxoval de Faíscas 13

Desvio para o Vermelho..... 14

Fomalhaut 15

A Princesa Desmorta 16

Dote 17

mmHg 18

Pontos de Referência 19

Fragrância de Afogamento..... 20

Reação..... 21

Átimo de Atman..... 22

Legião Estrangeira..... 23

Réveillon na Normandia..... 26

Despedir-se de Tóquio..... 27

Cabaret Eléctrico 28

Moëbius Bondage..... 29

Coreografia I 30

Coreografia II 31

A Borboleta Abstrata..... 32

Oração para Acampamento II	33
Lua de Méliès	34
Exeunt Lucille	35
Bosque de Trapos	36
Montanhas Vacilam	37
Gilgamés Geográfico	38
Jujuba, o Leão-Mariño	39
Metrônomo Atômico	40
Hermenáutica	41
802.11b	42
Doryslei,	43
Linhas de Nazca II	44
Deutscher Werkbund	46
Campo de Concentração	48
16: Bodas de Mercúrio	50
Leito Nupcial	51
Dama de Espadas	52
Passageiro Perdido	53
Mar Interior	54
[d e p o i s d a c h u v a]	56
Ornitomania	57
No Gasômetro	60
Tecelã de Estrelas	61

Lua Cheia.....	63
Origami	64
Rêve en Revés.....	65
Festim Noturno.....	66
Teotihuacan	68
Crônicas de Inti	70
Histoyriinha Pictoreska.....	72
Pantones.....	73
Cercles Mysterieux des Adolescentes.....	74
Príncipe deste Mundo.....	76
A Coluna Vertebral de um Animal Infinito	77
Lobotomia	79

Apresentação

A Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo tem a honra de apresentar ao público os textos classificados no Edital nº 007/2010 visando à seleção, premiação e publicação de obras literárias inéditas de autores residentes no Espírito Santo.

O Plano Nacional do Livro e da Leitura do Ministério da Cultura já acentua que a leitura qualifica a relação entre os indivíduos, com a cidade e com o meio ambiente, com a política e com a economia, “constituindo-se como uma base sólida para o desenvolvimento de uma cultura de discernimento e de diálogo, e para a construção de um ambiente social qualificado, participativo, pacífico e democrático”.

Por isso, este Edital tem sido repetido com sucesso pela Secretaria de Estado da Cultura colocando todos os anos o público em contato com escritores de diversas origens e tendências e mostrando assim um painel amplo de nossa produção literária. Em 2010 introduzimos no mesmo Edital a modalidade de *autores estreadantes*, visando a preencher uma lacuna que dificultava a seleção e a publicação de jovens autores. A falta de editoras de relevo até o presente momento em nosso Estado dá um significado e uma repercussão especiais às obras agora publicadas.

De suma importância nesse processo foi a Comissão de Seleção, composta cada uma por três especialistas com um conhecimento amplo da realidade da área e responsáveis pela imparcialidade e transparência na escolha e na premiação do mérito dos concorrentes. No caso deste livro foram: Samir Yazbek, Guilherme Zarvos e Jô Drummond.

Ler é acima de tudo exercitar a imaginação e a capacidade de refletir sobre a vida e assim transformá-la, e se preparar adequadamente para enfrentar os desafios do acesso ao conhecimento e ao prazer estético nas sociedades contemporâneas. Um texto só existe com a presença do

leitor. Por isso desejo a todos uma ótima leitura e uma viagem rica pelo universo da nova literatura produzida no Espírito Santo.

Dayse Maria Oslegher Lemos

Secretária de Estado da Cultura do Espírito Santo

Poemas (1999-2009)

Enxoval de Faíscas

eu deito e me cubro
até a cabeça

amores siameses me esperam
pra ceia

Desvio para o Vermelho

Em torno da torre meu corpo se entorna;

as ovas de mosca são
gotas sem chuva
estalando nas poças de esgoto.

Uma velha cadela vadia
coberta de chagas, varíola;

de mãos atadas, percorre o proscênio

– no parapeito, sento
inutilmente e me
despeço; as estrelas se
afastam

ruborizadas.

Fomalhaut

As estrelas, quando
falo de estrelas, não
fulguram distantes,
fornalhas atômicas:

as estrelas, imagem
de estrelas, apesar
da coincidência de órbitas, apesar
do esgotamento da luz:

o sossego de sucessivas encarnações
no espírito. Memória projetada
na tela: é um álbum; já era;

é mais que o bastante. *Paperback*
/ romance dilacerado no vão
entre o carro e a plataforma,
a História

pelos trilhos, se descama

feito
moscas, na sopa
de aspargos;

(como) caspa,
na lapela do garçom.

A Princesa Desmorta

Há um espectro que me perturba
dançando rumba no meu telhado,

e me adoece, e me derruba
sob as cobertas, desnortado.

Descendo do céu,
sinceramente,
entre as covas abertas sai perambulando
vestida em crepúsculo, e sem vergonhas
pisando em cadáveres, nadando em fronhas
em círculos de flores e feitiçaria,
parcas maracas e tamborins:

desvaneio orvalho a minha volta,

suave é a névoa da sua valsa;

mas quando o pé de camurça desta corça
em meu peito roto gentilmente roça

me golpeia forte, no fundo da carne, o coração!

Turva corça dos pés de camurça:
teu passo nublado é como a
chuva,
com seu martelo e seu trovão!

Dote

a música está
em todos os cantos

debaixo das pedras
com os caracóis

urdida no limo
do tronco das árvores

dentro de armários
recheados de sons

e no teu sorriso
na brisa, o sereno

os presentes que eu quero te dar

ou um quarto decorado
de móbile e estrelinhas.

A luz, aqui fora, que te espera:
abre os olhos pra ela entrar;

solta os cabelos, se despenteia.

mmHg

A atmosfera esfarela o luar quebradiço.

Ao passo da noite pertencem dois gatos,
um caminhão e seus faróis.

O metal esperneia
histérico e guincha
como um demente aborto
que, morto,
teima em nascer

injetando morfina
ao centro da terra
dilui e distorce.

e a Noite, gentilmente,
fechando as mandíbulas
ao redor do meu rosto...

meu destino cabe todo em biscoito chinês.

Pontos de Referência

um relógio sem torre
um ponto de ônibus

um pequenino elefante
do tamanho da
palma da
mão

vagando perdido através de um deserto de conchas
conchinhas

entre moinhos de vento

um semáforo plantado
no fundo do mar.

O anjo caracol não tem asas:
ele carrega, nas costas, sua casa

– ele nunca sai do lugar.

Fragrância de Afogamento

Princesa plena das papoulas
virgem dos córregos

criatura de pesadelos eróticos

de manto solene
e pernas de alicate
e cabelos de água regurgitada
amônia e ozônio e espuma

sozinha na rua vazia.

E ainda há um espectro, que me ocupa
dançando tango na minha tumba.

Reação

No laboratório, fluidos e fedores

e os santos, todos afogados
em balões de erlenmeyer
cheios de formol esverdeado

ficaram nos observando
com aqueles olhos cheios de culpa e gases nobres.

Átimo de Atman

escrever escrever sem razão
palavras de pura forma e fulvo eflúvio

sânscrito circunscrito, cristo hieroglifo

cultivo de câimbras

Legião Estrangeira

i. Dentes

tétrico exército que a boca encerra
e deixa entrever, subtilmente, a derrota

sobre um longo passeio de fungos;
roteiro de bufos, ciganos e músicos:
admirai a inauguração da caveira!

rei prometido
gastrópode antípoda

promessa que habita
o outro polo desta epiderme

ii. Rádula

feito um miasma de tentáculos xucros
a romper da garganta macia

fósseis / moluscos

búzios sem
concha

iii. *Dólmenes*

No desfile de ídolos fúnebres
que, sem andar, percorre auto-
estradas, planícies
desertas, cidades
fantasmas

nas construções que ficaram pra trás
e esperam, paradas, o homem voltar

a detergente língua da lesma
passeia; entre restos de carne

borbulha: *flosss...* ela faz
e expurga, como ácido
morno, a ossada

de fiapos de pele e plumagem,

como o sol apocalíptico
lava as ruas de manhã:

gengiva sem
dentes

roendo basalto.

Os anos acabam tão rápido;
há dias que custam a passar.

Réveillon na Normandia

quando você amanhece na praia
(como o dia amanhece na praia):

procurando vestígios de pólvora

Despedir-se de Tóquio

Também a viagem começa
de um lado e termina
do outro –

a doença: fotografia
de dias terríveis
que, como amigos, passamos
entre animais de papel
e néon.

Chega a noite e ainda ouço
o uivo mouco de cavalos
aflitos, que pastam sem
trégua pelo telhado;

o bom senso me diz que talvez
seja a chuva. Talvez

sejam fogos que
estoiram na cobertura
e seria melhor voltar a dormir.

O zodíaco abre seu zíper
e deixa cair farelos
no asfalto;

procissão de automóveis.

Cabaret Eléctrico

A dança se esgota entre luzes pintadas
de rouge e batom num jogo de espelhos
cardíacos – truques de carta marcadas
de um mágico feito refém dos coelhos:

o valete tem sua dama
cada rei, um cavaleiro
e as mulheres de má fama de tanto fazer macumba
o amor de todo o reino pra ganhar muito dinheiro
 todos eles dançam rumba
 e can/can o dia inteiro

– as pernas se espalham na banca de apostas;
os braços se soltam do corpo

e ganham distância no escuro,
gravitando pra longe uns dos outros;

astronautas, carcaças sem peso
atadas a tênues cabos
de segurança

como iscas num anzol de estrelas
como iscas de pescar cometas

e guardá-los no alto da prateleira
entre baldes de lulas mortas.

Moëbius Bondage

A batalha evapora e deixa pedaços:

o menino, uma
cabeça queimada
e mole, estufada
de pena e espuma

espalhada na sala
depois do jantar

– os convidados voltaram pra casa
e agora dormem em quartos distantes;
não há ninguém pelo chão, obstante
mil travesseiros, rolinhas sem asa

que escorregaram enquanto dormiam
nas grades do teto da rodoviária.

Coreografia I

Tudo é tombo nessa nossa vida:
gente afobada, ou distraída
não devia nunca andar sozinha,

mas ter sempre à mão um amigo
com quem, não importa o perigo,
de tropeço em tropeço, caminha.

Coreografia II

E quem sabe a bailarina não resista?
tropece e, entregue a um tango cubista,
tire os sapatos, as cores, os brios,

e desça do palco e suba na pista:
você, salomé – e eu, joão batista,
perco a cabeça nos seus rodopios!

A Borboleta Abstrata

mas ela de noite penetra o meu chambre
batendo suas asas de pano e arame,
sufocando o meu sono com seu perfume:

perfura meus olhos e afoga minha boca
com seus assombrados uivos de louca
e o brilho fantástico de um vaga-lume

Oração para Acampamento II

papai do céu, quero anjos-da-guarda
novos em folha, de última espécie
costa e bochechas cobertas de sardas
hálito doce com gosto de prece

Lua de Méliès

o menino, uma
cabeça de couro
e lábios eclar

espalhada na tela
depois da *séance*

Exeunt Lucille

Quando, aos sete anos,
na iminência de um flou de coriza
– a imagem se vai
para sempre

se ficarmos sentados
de costas para a porta:

snuff sem tela, bebendo perfume
cegos, os dois –
e o sono não vem.

Jovens se amam em VHS;

corpos se espalham num pasto de nuvens
e o crupiê os recolhe de novo.

Pacientes, descobrem amores
entre os paraquedas jogados na areia
– a guarda noturna, bonecos
de Judas: vudu
de baionetas

sob o ultrassônico uivo
dos propulsores

atender o telefone e ouvir que
sinto muito, seu pai morreu.

Bosque de Trapos

o outono deixa pegadas
no lago

Montanhas Vacilam

o espesso perfume
de asfalto rachando

Gilgamés Geográfico

O homem, esse arquipélago vão
e ruído, de vidro
convexo:

dentro do peito eu carrego o oceano
e deus, o diabo e um incrível plano
de vetores atmosféricos

que, sem termo, concorrem ao acaso
virando do avesso pra dentro de si.

Eu quando danço
sismo e incesto:

resolvo a esfinge e retorno à cidade
dos túneis secretos, orla de espuma
estripo o monarca e visto sua pele
e, num déjà-vu, reconheço a viúva

costelas se abrem, a alma se mostra
orgânica massa presa com grampos
às minhas paredes, à nossa senhora
mãe dos aflitos, virgem dos campos

– parar? Por quê?

Se nunca na vida eu estive tão sóbrio,
tão certo, seguro, tão senhor de mim?

Jujuba, o Leão-Mariño

como quando a gente acorda e descobre que choveu
muito

o amor:
não adianta compor várias páginas
de planos, estratégias e lágrimas
nem bordar o teu nome
com todo carinho:

o amor é um jogo
de jogo-da-velha
numa imensa toalha xadrez

Metronomo Atômico

shiva silva e sibila
montado no dorso
de um grande elefante

pisoteando o poente
com as patas potentes
e a tromba possante

mas kali é clemente
e protege seus filhos
da fúria do amante

e sacrifica seu corpo
ao sonho mais louco
do deus flamejante:

Tanto dança de alegria, o corpo todo rodopia,
o cabelo rasga o céu, com os pés reparte o dia;

que os homens padecem, gritando e gemendo,
até que tudo (no mundo) se explode em silêncio.

Hermenáutica

no espaço, movimento de valsa:
o planeta deriva, feito uma balsa
sem rumo nem tripulação

– e tudo tão escuro,
macio – perturbador!

Uns dedos de cego, navegando uma ninfa,

o corpo da ninfa,
suas águas bravias:

marola amorosa através calmarias,
frágil astronave à mercê das marés.

*Minha mão é nau à deriva,
a esmo através da nudez,
mercê de tuas ondas, cativa
em mares de embriaguez;*

sem rumo nem remos, querendo afundar
nos plácidos lagos, nas rebentações;

mas ondas mastigam sem nunca engolir,
e el niño não nasce, malditas monções!

802.11b

são gabriel polidáctilo
usa os neurônios pra fora do crânio

são gabriel polidáctilo
nunca tem LER
nunca tem LER

Doryslei,

a incrível aranha acrobata

trepada no espaço

tricota a aurora

ô, doryslei:

desce daí

e deixa de noite!

Linhas de Nazca II

christóphoros lamínulas & meneâmbulous

um casal e seis filhos

em volta da roda: roda

roda

da torre ao abismo à torre de novo,

o impulso binário partindo do ovo:

a fruta corruta fervilha de vida

e o éden se abre, florindo feridas

nos muros de pedra da velha ruína

daqui até onde o mundo termina

num grande buraco forrado de ninhos

por onde flutuam bonitos peixinhos.

Trovão! trovão!

e tambores

eu convoco os antigos senhores!

Rostos pintados em volta do fogo

Pés doloridos de tanto dançar

Techno breaks repletos de rogos

Rosas de flúor de volta pro mar

– a mãe que prepara sua filha caçula
pra sísmica valsa das bodas ingratas

com o dono do feudo, culpado da seca
que assola a colheita e acaba com as matas:

seu pai, o tirano de unhas compridas,
dragão colorido, consorte do incesto

sagrado, mistério da terra que abre
em busca do céu, orvalho sem peso.

Deutscher Werkbund

Os mudras e mantras, o sutra das santas
de olhos: de nuvem: de chuva: de azeite:
cidade, mandala do sonho mais louco,
o leito de um lúcio em eterno deleite –

seriíssimo homem
que acorda na hora
e toma café
com creme de leite
escova seus dentes
e vai trabalhar

e chega na messe
e senta em sua mesa
enquanto lá fora
naufraga a manhã
arruma os papéis
ou fuma um cigarro

em plena explosão
de todo universo
se tranca no quarto
trepando co'a máquina
tão cheio de sonhos
seguros e cínicos –

vive aqui dentro um monstro horroroso
com cara de sapo, cabeça de creta,

as tripas pra fora, dez dentes na urethra
vazando do enorme caráleo seboso
: o condão da varinha, sagradas fitinhas
do muito bondoso senhor do bonfim:

cidade de mármore branco e carmim;
atlântida – tâmisa – mar flamejante
por onde caminha o canino gigante
faminto de virgens de sangue ruim.

Campo de Concentração

Dentro da sua cabeça
dentro da sua caverna

as serpentes se enroscam
em anéis infinitos

desenhando contornos no céu.

Eu quando escrevo
adornos e peircings

minha cabeça é um camarim
de deuses e atores loucos
que dançam feito moinhos.

Eu quando escrevo
edifício de versos

sou meu verso mais pobre
o que mais me comove
e apodrece o poema.

À noite caminho por todo o zodíaco,
amando sozinho, mãos dadas contigo:

na torre mecânica está tudo calmo,
princesas de pedra tomando sereno
em altas varandas, pequenos pecados,
silício e silêncio e os homens trabalham.

O mundo, no fundo, parece tão falso
enquanto eu me deito aqui do teu lado!

Oh!, maya, minha mãe,
dai-me deuses e doces
e o calor do teu colo!

Teus seios, brinquedos de pedra macia;
teu seios, teus seios, um rio ao nascer!

Sabor de ferrugem, dilúvio de nuvens
que a torre celeste não pode conter:

em pânico os pássaros partem o poente
e do ventre mecânico eclode a serpente.

16: Bodas de Mercúrio

O world trade center, babel, o andraus,
caminhos pro céu: milhões de degraus
se cruzam no espaço acima de nós;

um caça-palavras de runas malvadas,
os gritos de medo na sala de máquinas:
crianças doentes deixadas a sós

com outras crianças, tesouras sem ponta,
e o filho do rei foi feito em pedaços
e dado aos famintos – sarin, sacrifício
dentro das tripas de um monstro de aço.

A torre estremece, solta
aqui dentro

num último brinde, seus olhos tão tristes

– sargaços de fósforo se enroscam nas nuvens
e sôfregos sugam o sumo do céu.

Leito Nupcial

palavras afastam pessoas
palavras agregam nações

de sangue ou de seda:
tudo são textos
tudo é tecido

casamata, bactérias

Dama de Espadas

Delirando de lírica delícia, a etérea odalisca
desfaz-se em sangrias de patchouli e almíscar

macia, devassa e de braços
sobre o leito de um lago muito limpo
de óleo de ouro líquido.

Ela tinha camundongos na cabeça
e tinha um focinho de enfeite
e suspirava e sonhava acordada
com as fadas que amava
com paixão de criança

e nem ligava, ou dava valor
enquanto por ela
os homens desafiavam a física
e, irresponsáveis, moviam o mundo:

ela queria mesmo era sorvete de pistache
e algodão-doce e borboletas
e andar num lindo pônei
por entre as floridas campinas

pisando cadáveres
esmagando ruínas.

Passageiro Perdido

Se afogando no fog,
o trem se esfumaça

dissolvendo-se em um silvo abafado

e ele acompanha
sem remédio, o relógio
saltitando de atraso.

Paris é tão longe – e o inferno também!

Esquecido pro mundo, dez-léguas distante,
já tudo ao redor cheira a salitre e saudade:

o ar nostalgia

garoa na gare.

Mar Interior

Cercado por vagalumes
ou as estrelas perderam os modos
ou o whisky era tão azul
ou eu bebi tinta de caneta?

aquática luz da aurora

serenas cítaras e cimbal

mil navalhas luminosas

rindo brindes de cristal

[d e p o i s d a c h u v a]

Seu corpo jaz doce e destilado
através de tramas de orvalho,
em poças-d'água ou almofada

púrpuras e seda
e véus de vapor
e mil maravilhas
em cada sorriso

e tudo é feito de nuvem
cor-de-rosa e camomila;

as ruas pavimentadas em flor

com as pétalas mais macias
das bochechas de Camila

e seus líquidos lábios de licor.

Então a terra se espreguiça, libertando o cheiro
das flores coloridas de perfume feiticeiro

e nada mais

é primavera.

Ornitomancia

mas vem, tecelã, tricoteira de tripas:
das coisas mortas profetiza pra mim

violenta meu asséptico santuário,
peito de um pobre canibal serafim

veja aqui dentro, esburrando pus negro,
o coração de couro de um anjo mastim

revela-me hoje o cristo contrário,
crucifica-me em água, ou num jardim.

O gigante triste e doente
vestido de veias e dentes,
de agulhinhas de seringa e tatuagem
e tachinhas, grampos e maquiagem
e vidro lascado moído.

Em seu dorso, traz arrastando
asas de ácido e metal corroído.

E sua pele, que é feita de escamas
seca e fria
em cinza esfarela

ao ser tocada
pela cor da aquarela.

Eu sou a crisálida comunitária,
saco de mariposas horrorosas

quando ao mundo quero punir
espraio minhas asas membranosas

e as liberto em negras nuvens
para o sol eclipsar.

Eu sou o monstro
de embaixo da cama
e dentro do
armário

costurando cuidadoso o meu próprio
sudário

com os rostinhos sorridentes
de crianças excepcionais.

No Gasômetro

Todo caminho é um caminho de volta,
e quando menos se espera a gente retorna
àquele lugar de onde partiu.

Tecelã de Estrelas

Tão lindos teus lábios manchados de vinho,
dos brilhos mais ébrios das constelações;
candentes canteiros pro pouso de anjinhos,
escorrendo em sorrisos, florindo canções.

Serena cerva de suave cerviz

bochecha rosada
e sorriso feliz,

quero tanto o teu colo, teu pelo trigueiro,
macio como a seda do sonho de um cheiro.

(mas não são teus olhos, a voz cristalina,
e nem quando dança, serpente dengosa:
em tudo de ti, o que mais me fascina
é que ficas tão linda pintada de rosa!..)

*Cachoeira de névoas perfumadas,
colorida cascata de cometas,
que escorre pela nuca delicada
em macios cordões de borboletas.*

Lua Cheia

Grinalda de espumas, vestida de aranhas,
translucida os céus nessa noite medonha

tão suave e serena princesa dos pássaros:

teu corpo é um cálice
cheiroso de sândalo
e incensos mais raros

que vem emergindo de um mar furioso.

Ai, deusa das águas, esfinge faminta,
que endoida esses homens
e marés domestica,

ai, tende piedade
de mim, pequenino,
anjinho aleijado caído do ninho;

me esconde no ventre, devora-mi'a mente:
destrói meus pecados com o teu catecismo.

Origami

a menina sem-esperanças
quis fazer mil passarinhos

pegou LER e morreu
sem dobrar o centésimo

Rêve en Revés

A cada passo, ferindo o assoalho
macio como uma agulha de heroína,
ele se espreguiça, acaso falho
arauto maldito da sorte assassina.

Esgarçando em viés meu caminho,
sem pudores de ser desgraçado,
traíçoeiro, se aproxima mansinho
travestindo o possível em fadado.

Sob a forma manhosa e plena de ócio
desse negro espectro de corpo dócil
uma inesperada fortuna me envolve:

carrega, em seu frágil dorso, a ruína,
a tempestade que o homem abomina,
o detalhe importuno que não se resolve.

(mas o que aconteceria, gatinho,
se fosse eu a cruzar teu caminho?)

Festim Noturno

O chagal, a serpente e o corvo
e outros tantos bichos do mau agouro

uma noite, no ferro-velho,
se reuniram pra celebrar às cirandas,
que entre eles havia caído
um pedaço perfeito de céu-mais-azul.

Nesse bosque de plástico, remendos e restos,
as coisas não tinham aquela alegria
que tiveram em sonhos
– a golpes de ligeiro estilete
fetos frescos estourando feito balões

e corações maduros, como frutos maduros
esfolados, pendendo prontos pra despencar.

Como cortavam as faces
para ficarem bonitos
mutilavam as sobrancelhas e os sorrisos
e cantavam árias, sufocando gritos

fabricaram, do pedaço, uma carcaça vazia
de uma criança inteira em carne cardíaca
aconchegada em pura seda sacramental.

Eu sonhei
que o Menino havia sido abortado, meu Deus!,
para dar lugar a essa pútrida prole da eletricidade e do vidro,

de fazer poesia
como quem faz franksteins.

Teotihuacan

espesso, sob o sol asqueroso e seco
os arranha-céus escondem um beco
mais vazio, empoeirado e profundo
que qualquer dos sertões deste mundo

e, no precipício, se fecharam as janelas
a gente pra ficar viva se espreme contra vitrinas,
como bichos em frente a um poço de sacrifício,
como se vivesse ameaçada em parapeitos de vendaval

na escuridão, lá embaixo
entre as fendas feridas no asfalto deserto
se esconde um chacal sorridente e risonho,
trapaceiro travesso,
príncipe avesso das coisas sem dono

mancomunou-se à gravidade; é seu reinado
tudo que foi esquecido, depois de guardado:

reliquias e lixo, fotografias
e tudo que jaz, silenciosamente morto
na superfície vazia das últimas ruas

no meio-fio ou na
calçada

ou se ainda é meio-
dia

o chagal vive ocupado

com o focinho mergulhado na carniça
do cadáver de outro homem despencado.

Crônicas de Inti

Alguns esperam, há os que sorriem,
mas eu – eu nem nasci pra batalhar!..

Eu pastoreio alpacas e lhamas
e vigio medroso a solapa dos Andes;

eu sozinho invento constelações
e ainda por cima arquiteto elefantes.

Mas ninguém, e com razão,
dá valor a essas brincadeiras inúteis
e a qualquer de meus amores, que são tão fúteis
perto da indispensável utilidade da rotina

onde há dias e dias concretos
e há dias que passam e ninguém percebe;

e o calendário é um poço circular e
perfeitamente profundo, escavado
através dos planos dos anos, de dentro
pra fora,
com gigantescos dedos de aço.

Tem onde ele falha, no fio entre os dias
o tempo é uma linha, é mais
traíçoeiro:

há o nunca de nunca ter sido
que mais próximo está, da Eternidade,
que todo o momento da minha vaga vida.

E há, nos subúrbios da cidade,
um pastor a que (dizem) nem o rebanho respeita.

Dia e noite, ele anda sem rumo,
implorando esmolas, pregando o perdão,
cantando modinhas e polindo sapatos,

vendendo um doce ou alguma alegria,
seu coração vazio como avenida vazia.

E teu olho, se engole os astros
desse frágil horizonte holográfico

e a tua vida, se não vale a pena
nem o contrato vagabundo em que foi planejada
e tudo mais parece brilhar,

ENTÃO TE ENTREGAS AO PASSO DOS DIAS!

Mas ah, quem me dera!..

O pouco que valho
não é digno o bastante
de por mim sacrificar

(e eu tampouco aceitaria
tão medíocre holocausto,
estivesse eu no meu lugar!)

Histoyriinha Pictoreska

Eram sapatos
tão delicados
que tocaram o chão...
e se esfarelaram!

Pantones

*(ou talvez fosse a noite paulista
quicá o cosmos vazio de espaços)*

acima dos sóis, há um céu que cintila
o verde drosófilo da manhã clorofila

um marte marinho mergulha num mangue
de preto petróleo, cor-profunda-de-sangue

montes negros-tão-negros em piche
e negro se espicha de azul azeviche

uma exata explosão de plasma amarela
borrando as bordas da infinita aquarela

contas de cobre e bronze pingente
ferrugem e vidro de brilho doente

ídolos de pedra, quando caminham no sono
vão pisando e partindo o nacarado carbono

Cercles Mysterieux des Adolescentes

teu corpo, um jardim
paciente matemática

berço de flores recém-nascidas
um terço de rosas não-rezadas.

Jardim perfeito, e imaculado
feito teorema que não se comprova,
composto em um poente constipado,
tecido de seda e nebulosas.

Deitado esperando a primavera,
a brisa fresca, através da treva.

Mas se a primavera chegar,
e a flor não florescer,

que então haja dedos para violentá-la

e desse morno miolo libertar
o pólen que se esfumaça no ar
de um botão injetado de luz;

em pegajosas sombras pálidas
o perfume das pétalas cálidas
de preciosas rosas azuis.

Príncipe deste Mundo

Distinto cavalheiro de polainas e gravata,
de décadas românticas já demais empoeiradas.

Dileto dândi dos olhos dolentes,
espanhola juventude
e sorriso inconsequente;

maestro em bons costumes,
no manejo da espada
e cavalga como o vento
e dança como fada,
vestido tão garboso
com um lírio na lapela
do seu terno risca-giz.

Tristíssimo príncipe dos tristes,
das crianças enjeitadas, dos amantes infelizes.

O capeta é uma puta pintada
vestida sem modos, vulgar

A Coluna Vertebral de um Animal Infinito

te conto segredos como quem chora de fome)

Andando na rua
andando na chuva
andando dentro de mim:

eu fico mais simples
depois do dilúvio

e as coisas possíveis já não me interessam:

meus grandes amores são tangos;
as minhas histórias, tragédias

– mas logo a lua se limita
e o céu sangrando se desmancha;

e quando todos lá fora estiverem sorrindo
felizes, cantando e bebendo vinho,

eu prefiro ficar trancado aqui em casa
na companhia humilde dos meus fantasmas
jogando um xadrez solitário.

Lobotomia

Um cometa coruscante
cortando o córtex maciço da noite,

eu poderia explicar
se não doesse tanto
às duas da tarde
tocando piano

compus com meu pai uma valsa vazia
arranjo de cordas e conhaque

evoquei a sublime palavra mágica
que tomara dos lábios de uma arauta-de-araque.

Eu, que sou dois
pra nunca mais poder
construí um ovo de *fabergé*

e o anjo aleijado
sempre ao meu lado
sofrendo calado

com seu par de asas rutilentas
entre traças e bolor

esquecidas num fundo de armário.

Alice, minha criança,

você tirou a boca das minhas
palavras!..

*torto e tonto de tanto apontar
o ponteiro não compreende
que esse plano não tem final:*

*a história não é linear
a história é pontual*



Secretaria
da Cultura

